

Função paterna e docência

O presente artigo é uma reflexão, resultado de excerto de pesquisa com enfoque psicanalítico, para defesa de tese de Doutorado, sobre alguns aspectos da falha da função paterna e sua influência também em alguns aspectos da docência. Analisamos a noção de função e a noção de pai em Freud, Lacan e comentadores. Discutimos como Lacan (1986), a partir de uma releitura de Freud e de ideias de Frege (1892), percebe algumas condições em que o inconsciente se permite acessar, isto é, por um deslize, um lapso, uma derrapada do sujeito, quando ele utiliza o chiste ou uma falha na fala. Com as contribuições de pesquisadores como Lacan (1986) (1995); Martins (2010) e Laplanche & Pontalis (2001), demonstramos como esses fenômenos possibilitaram estudos em diversas situações de relacionamentos humanos e, sobretudo em relação ao exercício da docência. Finalizamos explicitando como esses fenômenos psicanalíticos podem se relacionar com alguns momentos da docência, com apoio das análises efetuadas por Mrech (2005) sobre o impacto da psicanálise na educação.

Palavras chave: Psicanálise, docência e função paterna.

Paternal function and teaching

This article is a reflection on some aspects of the failure of the paternal function and its influence also in some aspects of teaching. We have analyzed the notion of function and the parent concept in Freud, Lacan and commentators. We discussed how Lacan (1986) from a reading of Freud and Frege's ideas (1892) , realize some conditions in which the unconscious is allowed access , that is, a mistake, a lapse, one skid of subject, when it uses the joke or a failure in speech. With contributions from researchers such as Lacan (1995); Martins (2010) and Laplanche & Pontalis (2001), we show how these phenomena enabled studies in various situations of human relationships and especially in relation to the teaching profession. We finished explaining how these psychoanalytical phenomena can relate to a few moments of teaching, with the support of analyzes made by Mrech (2005) on the impact of psychoanalysis in education.

Key words: Psychoanalysis, teaching and paternal function

INTRODUÇÃO

Ressaltamos que função será tratada aqui como aquilo que estabelece as relações entre objetos libidinais. Freud (1912) fez uso do termo imago, introduzido por Jung (1911), e idealizou: imago paterna, imago materna e imago fraterna. Laplanche e Pontalis (2001) descrevem o termo imago como “representação inconsciente”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 235). Os autores assinalaram que o termo não representa uma imagem do real, e sim um plano imaginário apreendido, cujo objetivo é direcionado ao outro. Eles reforçaram a ideia com o exemplo de que “... a imago de um pai terrível pode muito bem corresponder a um pai real apagado”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 235).

A noção de função lacaniana, segundo Correa (2009), veio da lógica de Friedrich Ludwig Gottlob Frege, matemático e filósofo alemão, que criou um sistema de representação simbólica que visava representar formalmente a estrutura dos enunciados lógicos e suas relações, e a invenção dos cálculos dos predicados. Vale ressaltar que Frege (1892) problematizou o sentido e a referência, nome de sua obra, ilustrando que os nomes próprios “Estrela da Manhã” e “Estrela da Tarde” se referem ao planeta Vênus, ao mesmo tempo, o apresenta com sentidos diferentes. Frege (1892) afirma que a proposição poderá ter sentido e referência, mas no caso de poemas épicos somente sentido. Portanto, Frege (1892) valoriza a referência, porque o pensamento sem referência perde o valor, pois é esta que contém o valor de verdade. Lacan (1986), então, teria encontrado formas de acesso ao inconsciente com base nas ideias de Frege (1892). Em sua releitura de Freud, Lacan (1986), percebeu que o inconsciente permitia-se apreender de duas maneiras: quando o indivíduo comete um deslize, um lapso, uma derrapada, utiliza o chiste ou uma falha na fala. Ocorre segundo Lacan (1986) um deslocamento, ou seja, o sujeito diz uma palavra no lugar de outra ou quando cria o que o psicanalista denominou de condensação, como no exemplo do chiste o “familiarão”, palavra formada dos termos familiar e milionário.

Laplanche e Pontalis (2001) assinalam que o ato falho é aquele cujo objetivo não é atingido, mas “se vê substituído por outro” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 44). Os atos falhos são as ações que os indivíduos conseguem realizar com habilidade, mas quando eles falham, costumam responsabilizar a distração ou o acaso. Nesse sentido, Martins (2010), empreendendo uma investigação sobre o futebol, que confessa ser uma

de suas paixões, como também a de muitos brasileiros, expõe que as jogadas compõem um conjunto de habilidades, inteligência e rapidez dos executores, mas com naturalidade. No entanto, não se pode culpar a distração ou o acaso pelas falhas nessas jogadas. Para Laplanche e Pontalis (2001) a frase ato falho demonstra, em alemão “Fehlleistung”, que Freud considerava o conjunto de todo tipo de erro, de “lapsos na palavra e no funcionamento psíquico”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 44). Martins (2010) alerta que esse fenômeno foi amplamente investigado por Freud e que o importante para o sujeito na análise é a cura. Entretanto, os erros, os atos falhos nas atividades humanas “continuam sendo dimensões sintomáticas a serem qualificadas.” (MARTINS, 2010, p. 68). E já que o tema é o futebol, Martins (2010) lembra o caso dos erros de Roberto Baggio, jogador de futebol incansavelmente treinado para a cobrança de pênaltis, errar justamente na final da Copa do Mundo. E de Zico, também exímio “atirador” da bola no ângulo do gol, chutar para fora das traves. A desatenção contribui para uma falha na intenção de atingir o objetivo. Ela, a desatenção permite que o ato falho ocorra de modo mais intenso, sobretudo em se tratando de atividades mais agressivas, conforme nos orienta Martins (2010). O esgotamento do jogador possibilita o ato falho, propicia condições de funcionamento de modo inconsciente. Atos que não carecem de condições da “consciência objetivadora”, mas que surgem na “forma de uma violência desmesurada em um sujeito tido até ali como um exemplo de candura.” (MARTINS, 2010, p. 71).

Outra investigação que permite uma aproximação compreensiva acerca da questão do chiste é o caso do pequeno Hans. Lacan (1995) alerta que o cavalo de Hans, antes de ocupar a função metafórica, desempenhou vários papéis. O menino deixou seus observadores em dúvida, utilizando várias versões das histórias para escapar, para fugir e Lacan (1995) assinala que tinha a “impressão” de que Hans zombava do pai e de Freud. Lacan (1995) alerta que a criança tem uma imaginação fabulosa. Tanto é que Hans enriquece o mito da cegonha e o carrega de elementos humorísticos: “ela entrou, tirou o chapéu, tirou uma chave do bolso etc.” (LACAN, 1995, p. 294). Essa invenção de Hans impressionou seus observadores.

E o humor é uma solução infalível para os infortúnios do esporte. Martins (2010) afirma que o humor é preferível à agressividade “desbocada e o escarnecer do outro.” (MARTINS, 2010, p. 111). O psicanalista explicita que as palavras utilizadas para ironizar e as piadas que provocam risos destrói o outro. Deve-se ter cuidado com a dúvida do efeito que pode causar o rebaixamento moral de quem é alvo desses ataques. Enfim,

Martins (2010) chama a atenção para a questão de que somos animais com potencial para o riso, para o humor. Tal fenômeno, criado por nossos antepassados, é fundamental para a vida. O humor “possibilita a sublimação tão difícil de realizar depois da infância”. Pacífica. O humor “é o bálsamo para alívio dos males oriundos da racionalidade e autolimitação, realizados na própria ação (semiosis) como ser”. (MARTINS, 2010, p. 114).

A NOÇÃO DE PAI E O CONCEITO DE FUNÇÃO PATERNA

Recorreremos a algumas obras de Freud para percebermos como ele constitui a noção de pai. Obras tais como: “Édipo” Freud (1924/1996), “Totem e Tabu” Freud (1912/13/1996) e “Moisés e Monoteísmo” Freud (1939/1996). Lacan (1995/2005) também fará parte desse percurso, e neste caso, com a construção do conceito de função paterna. As obras de Lacan serão “O Seminário - livro 4, A relação de objeto” (1995) e “Nomes-do-Pai” (2005).

A alternativa para analisar as palavras e fórmulas utilizadas por Freud e Lacan como noção é balizada nas ideias de Dor (1991), Lacan (1995/2005), Laplanche e Pontalis (2001) e Pereira (2008). De Dor (1991), porque tratou da noção de pai no campo psicanalítico, como ela interferiu no espaço conceitual da psicanálise. O referido autor demonstrou como o pai é uma “entidade simbólica que ordena uma função” (DOR, 1991, p. 14). Portanto, o modo preponderante de existência simbólica dessa entidade, o pai, autoriza-o universalmente à estruturação dos sujeitos que com ele se relaciona independentemente do sexo. Logo, aos seres de linguagem não resta saída, a não ser se submeterem ao que lhes é determinado pela função simbólica paterna, que os forçam a uma experiência de sexualidade. Já Lacan (1995) considerou como noções as palavras de: fobia, objeto e fetiche, apenas para citar alguns exemplos. Lacan (2005) acreditava ter sido positiva a questão de levar para seu seminário a noção do plural dos Nomes-do-Pai, estudar a função dos nomes do pai. A motivação de Lacan pode ser identificada quanto às questões de suas reconstruções, de seu retorno a Freud e suas significativas contribuições para a psicanálise. No caso de Laplanche e Pontalis (2001), eles explicitaram que as obras de Freud foram se enriquecendo porque ele se apoiou na psicologia, na psicopatologia e na neurofisiologia de seu tempo. Porém, foi na língua alemã que ele encontrou as palavras e fórmulas ideais para seu trabalho. Assim, os autores buscaram analisar os elementos utilizados por Freud, identificando as noções, ou seja, o

conjunto de conceitos idealizados por Freud para ilustrar suas investigações. Por fim, Pereira (2008) revelou que Freud não dedicou uma investigação exclusiva acerca do tema do desamparo, cuja noção foi objeto de investigação do primeiro. Portanto, Pereira (2008) buscou uma noção da palavra no pensamento freudiano. O autor justificou sua opção pela alternativa da noção, asseverando que Freud revisava suas obras e não raro “derrubava de uma só vez o conjunto de seu sistema teórico anterior, por vezes longamente elaborado.” (PEREIRA, 2008, p. 126). O psicanalista assinalou como exemplo, a obra de Freud “Projeto”, de 1895, que traz a ideia de localização dos processos psíquicos, como sendo na célula nervosa. Ao passo que, quatro anos antes, em outra investigação, Freud já havia criticado essa possibilidade de identificação física e cerebral desses processos.

A noção de pai na obra em Freud (1924/1996) se inicia pelo mito de Édipo. Ele a exemplifica ilustrando o caso de uma criança do sexo masculino que direcionou um investimento objetal pela mãe. A catexia era em relação ao seio materno. Esse evento durava até o momento em que os desejos sexuais do menino pela mãe se fortaleciam, e a criança percebia o pai como obstáculo em relação a esses desejos. A relação com o pai, que antes era de identificação, passa agora a ser de ódio. Segundo Freud (1924/1996), seria a gênese do complexo de Édipo. Seria o momento do surgimento, no menino, do desejo de eliminar o pai e ocupar o seu lugar ao lado da mãe. Nesse momento, a relação do menino com o pai se transforma, pois ele amará e odiará, em um movimento idêntico a mesma pessoa, ou seja, o pai. Portanto, Freud (1924/1996) ressalta que o conjunto do complexo de Édipo positivo simples, num menino, passa a conter dois elementos: a atitude ambivalente do menino para com o pai e a relação objetal afetuosa com a mãe.

Freud (1924/1996) explicita que com a dissolução do complexo de Édipo ocorre o fim do investimento objetal do menino pela mãe. No entanto, o fenômeno poderá ser substituído por uma “identificação com a mãe” ou uma “intensificação de sua identificação com o pai” (FREUD, 1924/1996, p. 19). Freud (1924/1996) entende que a identificação do menino com o pai, o reforço dessa identificação com o pai, contribui para a manutenção da relação afetuosa com a mãe e é considerada a mais normal. Nesse sentido, a identificação com o pai fortalece a masculinidade no “caráter de um menino” (FREUD, 1924/1996, p. 19). Da mesma forma, para o caso da menina, o desfecho promoverá uma consolidação de uma identificação com a mãe, evento que corrobora o modo de ser feminino da criança.

A castração, inserida no interior do complexo de Édipo, tem a função de ordenar as pulsões. A castração ocorre num momento em que a criança percebe a dessemelhança entre os sexos e também a representação psíquica de tal evento. Freud (1909/1996) exemplifica que o pequeno Hans dizia que em tudo haveria algo do pênis. Seria a fase em que a criança se interessaria pelos seus órgãos genitais. O interesse foi demonstrado pelo menino quando manipulava seus órgãos genitais. Naquele momento, ele percebia que seus cuidadores não o apoiavam. A mensagem negativa vinha das mulheres, afirma Freud (1924/1996), pois elas o ameaçavam buscando na figura do pai ou do médico, parceiros que funcionavam como executores da mutilação do órgão que tanto o menino valorizava. As mulheres também redirecionavam a ameaça para outro membro, no caso, a mão do menino, que era para que ele não manipulasse seu órgão genital. No entanto, a ameaça à castração seria maior, pelo fato de a criança urinar na cama e não poder ser higienizada, pois seus cuidadores desconfiavam que o fato de urinar na cama poderia ser prova de que a criança estaria inadequadamente interessada em seu órgão genital e ainda, que esse fato estaria ligado a uma excitação física genital identificada à dos adultos, uma espécie de ejaculação involuntária que ocorre durante o sono. Nesse sentido, Freud (1924/1996) acreditava ser essa ameaça de castração a responsável pelo desmantelamento da estrutura fálica da criança.

Com relação à eficácia da ameaça, o autor apontou uma diferença de funcionamento no menino. Ele, o menino, não aceita terminantemente a ameaça, porque quem o ameaça, a mãe, não é o modelo e sim seu objeto de desejo. Assim, há necessidade de a mãe chamar o pai. Dessa forma, ela introduz o pai na relação. O pai que já ocupava as posições de rival e modelo, agora entra na relação como magistrado castigador. Portanto, a mãe introduz o pai como um “diplomata”, como um “embaixador”, que entra na relação para a confirmação da autoridade perante a “comunidade estrangeira mãe-filho”. (Dor, 1991, p. 14).

Essa organização efetivada pelo complexo de Édipo ocupa um ambiente simbólico. Trata-se de uma representação simbólica. Esta representação seria uma porta de acesso à cultura. Essa porta possibilitaria à criança se identificar com os valores sociais, assimilar a proibição do incesto e se constituir como sujeito de desejo.

Em Totem e Tabu, Freud (1912/13/1996) estabeleceu que o pai primitivo fosse anterior à primeira identificação, ele era gozador de todas as mulheres. Era pai da exceção,

o que dizia não à castração. Freud denominou de incorporação esse tempo inicial da identificação. Era o tempo em que as condições psicológicas foram propícias para que o ser humano fizesse sociedade e se constituísse no curso da história. Foi essa identificação que funcionou no princípio da formação do eu como uma base simbólica para estruturação da identidade especular. Na experiência do espelho, na qual a criança se reconhece na imagem da mãe, já supõe a ação da marca simbólica.

Na mesma obra, Freud (1912/13/1996) analisou os comportamentos nos relacionamentos das tribos australianas, seus pensamentos e atitudes para com reis, chefes, inimigos e comparou com as mesmas atitudes em relação aos pais. Freud (1912/13/1996) percebeu que o poder do pai morto ficou fortalecido. Dessa forma, não havia necessidade de força para manter a lei, porque ela já estava internalizada. O pai morto substituiu o líder opressor e se transformou em um símbolo que teria relação com a lei. Então, a função do pai seria simbólica. Portanto, a existência de um pai não era garantia da efetivação da lei.

Nesse sentido, na obra acima mencionada, Freud (1912/13/1996) aponta a noção de pai como aquele que introduz a ordem simbólica, o que garante o nome da lei. Nas duas obras de Freud, “Totem e Tabu” e “Édipo”, o pai que surge fortalecido enquanto lei é o pai morto. Os filhos só o reconhecem quando morto, ou seja, surge o pai quando ele, o tirano, morre.

Freud (1912/13/1996) revela que havia um pai aterrorizante e que desfrutava de todas as mulheres. Segundo o autor, seria um período da humanidade, quando esta era formada por grupos de mulheres dominadas por homens. Esses machos líderes afastavam os filhos das mulheres, quando estes chegavam à maturidade sexual. A penalidade para quem não obedecesse às regras seria a castração e a morte.

Assinala Freud (1912/13/1996) que houve uma revolta de um grupo de filhos. Eles se uniram, mataram o pai e fizeram um banquete com o corpo, consumindo suas partes. Assim, acreditavam que, dessa forma, a força do pai também seria por eles adquirida. No entanto, o conflito persistia, pois, os filhos, concorrentes entre si, ainda teriam o desejo de ocupar o lugar do pai. Porém, sozinhos não poderiam empreender tal ação. Dessa forma, o grupo se deparou com um limite que não foi imposto arbitrariamente, mas que foi resultado de uma proibição real aos seus desejos incestuosos. Portanto, deveriam desistir do lugar do pai e dos benefícios desse lugar, principalmente em relação às

mulheres, porque não poderiam possuí-las. Dito de outra maneira, o casamento entre eles mesmos, bem como as relações sexuais da mesma forma, estavam proibidos.

O motivo que levou os filhos a desistirem de ocupar o lugar do pai, deixa-os com um sentimento de abandono, com um sentimento de culpa pelo assassinato do pai. Dessa culpa nascem dois tabus do sistema do totemismo, ou seja, dois desejos correspondentes aos desejos reprimidos do complexo de Édipo, quais sejam: o desejo de matar o pai e o desejo de possuir a mãe.

No sistema do totemismo, um animal ocupa o lugar do pai morto. Essa substituição provoca um sentimento de culpa. Segundo o autor, a substituição seria uma tentativa de acalmar o sentimento de culpa. Assim, os filhos passam a tratar o substituto com respeito. A culpa também traz para a relação com o substituto, uma reconciliação com o pai. Essas características irão influenciar a natureza da religião.

A religião totêmica surge do sentimento de culpa, mas também como forma de abrandar esse sentimento e harmonizar a relação com o pai, o que Freud (1912/13/1996) considerou como um adiamento de obediência. Esse enorme sentimento de culpa fez com que os filhos instaurassem a lei da proibição do incesto. O pai da horda primitiva que tinha acesso a todas as mulheres da tribo, que era o “ao menos um” homem que a castração não incidia, que não era alcançado por nenhuma lei e nada o impedia de ter relações sexuais com todas as mulheres, uma vez morto, passa a ter um efeito de pai simbólico e a proibição do incesto ganha força de lei. Freud (1912/13/1996) também revelou que o surgimento das demais religiões foram experiências para tentar resolver o mesmo problema. Apesar da diversidade cultural e métodos adotados, a finalidade das religiões seria a mesma, isto é, apaziguar o sentimento filial de culpa que se tornou um arrependimento que ainda incomoda a humanidade.

O sentimento de culpa persiste no meio do clã. Portanto, o novo substituto do pai é tratado como se fosse membro da comunidade. Há uma identificação com esse deus, por parte dos componentes do clã que participam do ritual a ele endereçado. Freud (1912/13/1996) fez nova comparação enfatizando que, segundo a psicanálise, surge uma concepção de Deus que se torna o centro das atenções e que controla a vida religiosa. Esse deus do totemismo, formatado à semelhança do pai, torna-se o Deus pai glorificado. Ele representa o sacrifício primitivo: como Deus e como vítima. Vale ressaltar que antes o Totem era representado por um animal, agora os súditos resgatam sua forma humana.

Portanto, segundo o autor, os filhos restauram a forma humana do pai e, com isso, podem sentir saudade desse pai. Todavia, esse resgate ainda traria complexidade na relação com a divindade em forma humana. O lugar de autoridade, antes ocupado por um pai, agora substituído por um deus, implica em uma organização na sociedade, que passa a ser patriarcal.

Freud (1912/13/1996) finaliza asseverando que, do complexo de Édipo, surge a base religiosa. Essa ideia estaria de acordo com a descoberta da psicanálise, de que o complexo de Édipo é o centro geral das neuroses.

Na obra “Moisés e o monoteísmo” (1939/1996), o primeiro relato acerca do pai, tem início com a narrativa do excerto do livro de Otto Rank, publicado em 1909, cuja história foi sobre a glorificação de heróis dos povos civilizados, um relato de como eles eram transformados em lendas e em contos fabulosos. O herói, geralmente era filho de um rei, e o histórico de sua gestação era repleto de complicações, principalmente oriundas das mensagens dos oráculos acerca do perigo que o nascimento deles traria para o pai. Assim sendo, deveria ser morto, por ordem do pai ou de seu representante. Geralmente, esse herói era condenado às “vontades” das águas, pois era colocado em um cesto e deixado à deriva. No entanto, ele geralmente era salvo, sobrevivia, crescia e após um período de aprendizado e descoberta da nobreza do pai, conseguia se vingar e ainda era reconhecido.

Freud (1939/1996) utilizou o mito de Sargão de Agade para ilustrar a trajetória de um herói. Sargão teria sido abandonado no Eufrates, mas o “tirador de água” “Akki” o teria encontrado. Fortalecido pelo modo como foi criado por “Akki” e escolhido pela deusa “Istar”, Sargão se transformou em um rei. Essa narrativa foi para explicitar que heróis como Moisés e Édipo fizeram parte das histórias de Rank. Em todos os casos, os heróis foram personagens que enfrentaram e venceram os pais.

Como nas histórias de Rank, no ambiente do lar ocorre um ‘romance familiar’ da criança Freud (1939/1996). Para a criança, existe um mundo povoado de personagens de contos de fadas, ou seja, de reis e de rainhas. Esses personagens representam os pais. Num período da vida da criança há uma supervalorização do pai. Em outro, quando ela descobre que seus heróis são na verdade seus rivais, a criança se afasta deles e se posiciona contra o pai. Desta forma, as duas famílias – a do conto de fadas e da realidade – serão resultantes da família que surge nas fases da vida da criança.

Freud (1939/1996) investiga, inicialmente, que a primeira questão levantada a respeito do caráter estrangeiro de Moisés é acerca da origem do próprio nome. O psicanalista vienense afirma que este nome era de origem egípcia, e alerta que não haveria sentido algum uma criança encontrada por uma princesa egípcia receber um nome judeu. Nesse sentido, Freud (1939/1996) argumenta no texto que o pai de Moisés incluiu ao nome do filho elementos dos nomes de deuses. Portanto, Freud (1939/1996) considera esse dado e o insere na história de Moisés. A partir do nome, Freud (1939/1996) narra as lendas dos heróis, geralmente um evento no qual uma criança de origem pobre é abandonada, após seus pais receberem o aviso de uma profecia e do perigo que eles poderiam enfrentar, caso não se livrassem daquela criança. No entanto, a criança é encontrada por pessoas mais humildes que a criam. Quando adulta, ela descobre sua verdadeira origem e se transforma em um nobre.

Para a saga de Moisés, a lenda ocorre de forma invertida. Inicia com a origem humilde, em seguida vai parar em uma família aristocrática, e volta às origens mais humildes. O psicanalista argumentou que haveria motivos para que a história fosse inventada dessa forma. Talvez atender às necessidades de um povo judeu por um egípcio, ou anunciar e disseminar a religião do mestre de Moisés. Portanto, ousamos afirmar que tal inversão fora empreendida pelos próprios judeus com o objetivo de transformar seu grande homem em um deles. Esse grande homem “apresentado” como egípcio seria o educador e legislador do povo de Israel, além de encarregado para impor-lhes a nova religião. Nova religião, rigorosa e de um só Deus. Diferente da religião do Egito, que era caracterizada como um politeísmo absoluto, com adoração de várias divindades, na crença na vida após a morte e no culto a imagens.

Surge a nova religião e esta é imposta pelo faraó Amenófis IV. Tão radical que ele, o faraó, muda seu próprio nome para Akhenaten. Nenhum outro deus poderia ser cultuado, tal decisão não agradada a população. Seu reinado violento acaba com uma morte misteriosa. As religiões do Egito são restabelecidas e tudo que lembra Akhenaten é destruído. Entretanto, Moisés consegue criar uma religião para os judeus originária desse monoteísmo imposto por Akhenaten. Moisés também institui um ritual para ligação com seu Deus, a circuncisão que, segundo Freud (1939/1996), seria o substituto simbólico da castração que teria sido imposta pelo pai primitivo, como um sinal de aceitação e submissão a esse pai. Moisés tentou ganhar a simpatia dos judeus, enfatizando que eles

seriam os escolhidos. No entanto, Moisés foi assassinado. O motivo seria a rejeição à nova religião. Todavia, segundo Freud (1939/1996), houve um regresso do Deus pai na figura do Cristo. Uma oportunidade de universalização da nova religião.

A instauração da lei foi valorizada com a morte do pai, pelos filhos. O Cristianismo surge com a morte do Judaísmo. Nesse caso, a religião do pai foi substituída pela religião do filho. A religião do filho foi balizada em um sentimento de culpa desse filho, pelo assassinato do progenitor. Dessa forma, não haveria mais necessidade do ritual da circuncisão para manter a nova religião. Freud (1939/1996) assevera que bastaria a manutenção das experiências do trauma, da “tradição herdada” (FREUD, 1939/1996, p. 63), para estruturação do sujeito. Moisés fez o povo experimentar a ideia de um deus único, logo Moisés ocupou uma posição de apresentador desse deus ao povo. Porém, a figura paterna teria a mesma posição no Édipo, qual seja a de apresentar ao sujeito outro lugar.

Esse lugar, ocupado pela figura paterna, teria origem na experiência religiosa mosaica do Deus único. Segundo Freud (1939/1996), no poder real é que estaria a força do pai primitivo. Já Lacan (1995) explicitou que, ao contrário, na cultura ocidental, a autoridade do pai estaria ligada à experiência do Deus único, mas que esse Deus não estaria presente. Portanto, o poder desse pai ausente estaria exatamente em um vazio.

Já em *Psicologia de Massas e Análise do Eu*, (1921/1996), Freud assinalou que a identificação seria a forma remota de expressão de um vínculo sentimental com outra pessoa, e surgiria em um momento anterior à escolha de objeto. Essa identificação recairia sobre o pai. O sujeito quer ser o pai. Este é referência do ser falante e quem inicia o campo de significação.

O mito de Édipo foi utilizado por Freud (1923/1996) para explicitação da proibição do incesto. A função do pai seria promover essa proibição. Seria através do Édipo que o sujeito adicionaria o registro simbólico, isto é, a cultura, que é a verdadeira natureza do ser humano. Em outras palavras, o sujeito se constituiria ao longo do tempo. Numa etapa inicial a criança se identificaria especularmente com o objeto de desejo de sua mãe: o falo.

Freud (1923/1996) afirma que o pai tem que assumir para si a função de interditar essa relação entre a mãe e o bebê. Assim, ele propõe três tempos lógicos do Édipo. Num

primeiro tempo, ocorre uma identificação da criança com o objeto de desejo da mãe. Ela acredita ser o falo da mãe. Nesse sentido, a mãe mantém a criança como refém de seu desejo. Num segundo tempo, o pai se apresenta como privador da mãe, desprendendo a criança de sua similitude imaginária à mãe, promovendo o primeiro surgimento da lei. No entanto, a mãe precisa reconhecer a lei do pai, para orientar a criança em seu deslocamento do objeto fálico. Só assim o pai poderá ser eleito à condição de pai simbólico. No terceiro tempo, o pai surge como aquele que tem o falo. Nesse momento, ele é incorporado no sujeito como ideal de eu, e o complexo de Édipo enfraquece.

Enfatizamos, inicialmente, que percorreríamos os caminhos que Freud e Lacan atravessaram para construir a noção de função paterna, e não uma tentativa de conceituá-la, porque percebemos que há associações e deslocamentos em consonância com outros aspectos complexos, que promovem uma constante reflexão acerca da função.

Nesse sentido, Fleig (2006) levantou uma problemática para a função paterna. Afirmou que os deslocamentos do declínio da função paterna podem contribuir para compreensão das patologias da cultura atual. Fleig (2006) asseverou que a função, no sentido matemático, deve ser acionada. Logo, seria prudente saber como operá-la ajustando-a aos dias atuais, conforme a dinâmica familiar pertinente. O pesquisador propõe que a maneira de funcionar da função seja substituída pelos manuais da ciência e seus resultados, excluindo o sujeito do discurso. Nossos estudos no levam a acreditar que, esta forma, alimenta o perigo de ser mais uma complexa operação de substituição do pai. Vimos que em nome da ciência já houve vários substitutos com seus enunciados “acéfalos”, que contribuíram para dissimulação da autoridade paterna. O resultado desse processo foi a instalação de um sentimento de desamparo, por parte das crianças e adolescentes, aliado a um pedido de socorro que não é ouvido. Esse pedido pode se transformar em um sintoma, ou em um comportamento com características violentas.

Retomando as ideias de Lacan (1998), ele explicita que a castração é para interdição do gozo, para que ele seja atingido invertidamente na escala da Lei do desejo, pois quanto mais gozo, menos desejo. A castração é o que rege o desejo. Para que haja inscrição na lei do desejo, o gozo absoluto, mítico deve ser recusado.

Ainda segundo Lacan (1998), a castração é necessária à constituição do sujeito desejante. Nesse sentido, é o Outro que impede de gozar, pois o sujeito alimenta fantasias para dar sentido imaginário à possibilidade de a pulsão ser satisfeita.

Portanto, a forma de apresentar-se diante do pai é a problemática do Édipo. Na estrutura, a falta está na origem. Lacan (1998) ultrapassa a questão e demonstra a implicação do pai na estrutura do significante. O autor idealiza a função paterna com olhar do sujeito do significante, e faz uma relação da função a um conjunto de elementos articulados. Lacan (1998), num primeiro momento, emprega o significante Nome do Pai. Este tem por função metaforizar o desejo da mãe, nomeando a lei do desejo, enquanto sexual. A metáfora paterna possibilita interpretação desse desejo. Logo, a significação fálica é que submete, no campo da linguagem, esse desejo à castração.

Assim, Lacan (1998) afirma que se elucida a função do pai no ser falante. Ele está na linguagem, é um significante, representa uma função lógica. Sua morte o faz equivalente a um puro significante, vincula a lei. Mas pode faltar ou estar demasiado presente, enfim, mesmo presente pode falhar. Necessário se faz reconhecer no pai a castração. É preciso que ele reconheça sua própria castração, diante da falta do Outro, isso é uma postura, mas também é necessária a escolha de uma mulher pelo pai, como objeto causa de desejo, e que a transforme em mãe, para que seja nomeado como função. Assim, reconhecemos nesse pai a função de castração. Esses aspectos contribuem para o fenômeno da transmissão do desejo de pai para filho.

Com efeito, o sujeito será “formatado” nesse ambiente – do romance familiar – também por leis, valores, religiosidade e instituições que priorizam a coletividade e relativizam a individualidade. Nesse sentido, a função paterna proporcionará a ligação desse sujeito com a cultura na qual se encontra inserido: sua sociedade. De outro modo, a função paterna também faz a manutenção da cultura, para que ela se reproduza.

A linguagem é “lugar” para que a reprodução da cultura ocorra. Segundo Lacan (1969)₂ por sermos falantes, a linguagem se torna elemento fundamental para nossa constituição como sujeito. O sujeito é jogado em uma nova forma de querer pelo contato com a linguagem. Essa forma é instalada no corpo pela fala e pelos cuidados de quem zelou desse sujeito, quando bebê. Os responsáveis pelo fenômeno, e impregnados pela forma de querer, são os pais. Destarte, Lacan (1969) explicita que o Outro fala pelo sujeito antes que ele possa falar.

É pelo contato com primeiro cuidador, geralmente a mãe, que surge o novo sujeito. Daí Freud dizer que somos frutos de desejo, do desejo do Outro e isso é que nos torna humanos. Nossa constituição depende da linguagem desse outro, pois somos reféns dessa

linguagem, e ao mesmo tempo, necessitamos dela para construção do nosso lugar de manifestação. E é pela função paterna que o fenômeno se constitui, ela funda também o desejo do Outro.

Toda essa trama para constituição do sujeito desejante também implica a função da mãe. A linguagem da mãe institui o Nome-do-Pai, desde que esta esteja marcada pelo desejo. Assim, a criança se torna refém, dependente dessa mãe poderosa. Por questão de sobrevivência e em troca do amor do Outro, a criança se faz de falo para a mãe. Tudo isso seria a instalação do que Lacan (1995) denominou dialética da frustração. A frustração gera um dano. O autor diz que é “uma lesão, um prejuízo que, tal como temos o hábito de vê-lo exercer, para seguir a maneira com que o fazemos entrar em jogo na nossa dialética, é sempre um dano imaginário”. (LACAN, 1995, p. 36). A frustração é o “domínio das exigências desenfreadas e sem lei”. Então, há necessidade do pai entrar em cena. Uma nova ordem deve ser instaurada.

Lacan (1995) revelou que o combustível para o enfraquecimento da função do pai real de Hans era o medo que Hans sentia do animal. Somam-se a esse evento os fatos de seu pai ser um homem bondoso e tolerante, e a mãe não fazer valer a palavra do progenitor de Hans. Esses elementos contribuíam para deixar Hans refém dos caprichos da mãe, segundo Lacan (1995).

Lacan (1995) aborda a questão expondo como o sujeito entra no Édipo. Para tanto, ele deve ser capturado por seu próprio engodo, ou seja, o menino se insinua para a sua mãe, segundo o autor, mostra-se a ela como um chamariz. Assim, ele deverá ser capturado por sua atuação como isca. Dessa forma, ele poderá ser normatizado pelo Édipo. Entretanto, essa primeira ação não é suficiente para que a função do Édipo seja concluída. Esse sujeito deve ser direcionado a uma escolha de objeto. Adiciona-se a esse evento que a escolha de objeto deve ser heterossexual. Porém, mesmo sendo heterossexual, ainda há possibilidade de mascaramento dessa forma de escolha, que pode ocultar um arranjo homossexual. O ideal seria que a menina ou o menino, segundo Lacan (1995), tenha como referência para a sua escolha objetual, após passar pelo Édipo, a função do pai.

Seguindo esse raciocínio, Dor (1991) alerta que não há como pensar o Édipo sem a função do pai. Portanto, a função do pai seria conduzir o sujeito a uma dimensão significante, pelo processo do complexo de Édipo. Lacan (1995) pergunta: O que é ser um pai? Ou, o que é um pai? (LACAN, 1995, p. 209). Dor (1991) responde, utilizando as

ideias de Lacan (1995), que o pai é uma metáfora, já que não é um “objeto real”. E que a metáfora é um significante “que vem no lugar de um outro significante” (DOR, 1991, p. 45). Assim, o sujeito se constitui por sua inscrição no simbólico. Para tanto, há necessidade de o sujeito ter condições de acesso ao mundo da linguagem. Lacan (1983) assinala que o sujeito ocupa o mundo do simbólico, da linguagem e que tal circunstância é dada pela fala.

A porta de acesso do sujeito à dimensão significativa é o complexo de Édipo. Para que a lei seja internalizada, e assim o integre à sexualidade, ele, o sujeito, deve passar pelo Édipo. Essa lei organizará a atuação desse sujeito no ambiente simbólico, isto é, ordenará o exercício de sua sexualidade nesse ambiente simbólico. Entretanto, para que ele obtenha o registro no ambiente simbólico, a metáfora paterna será o mecanismo primordial para a autenticação desse registro.

Dor (1991) assinala que as condições do pai real ficam em segundo plano, quando a criança não o elege como pai simbólico, ou seja, a “presença ou ausência do Pai real cedem a vez diante da incidência mediadora do Pai simbólico” (DOR, 1991, p. 57). Dor (1991) ressalta que o pai simbólico existe como um significante. Nesse sentido, ele, o significante Nome-do-Pai poderá ser presentificado e considerado como mediador na ausência do pai real. No entanto, esse significante Nome-do-Pai deve estar contido no discurso da mãe, funcionando de modo que a criança consiga compreender que o desejo materno está direcionado a ele. Ela, a criança, deve perceber, pelo discurso materno, que não satisfaz o desejo da mãe. Para que a função mediadora do Pai simbólico seja favorecida, Dor (1991) reforça que o Nome-do-Pai deve ser presentificado no discurso da mãe, mas que este significante também se refira à existência de um terceiro, e que possibilite a identificação de uma diferença sexual em relação ao personagem mãe. Para explicitar a importância da diferença sexual entre os personagens, Dor (1991) retoma o mito da horda primitiva e enfatiza a função do significante fálico, isto é, a de “simbolizar a própria diferença sexual” (DOR, 1991, p. 59). Tal diferença determina a negociação de todo indivíduo com esse significante fálico. O Nome-do-Pai, o “‘ao menos um’ Pai simbólico, não castrado e detentor do falo” (DOR, 1991, p. 59), é que é o operador tanto para homens quanto para mulheres em relação à castração, segundo Dor (1991).

Todos esses eventos acima elencados ainda podem levar a criança a um questionamento em relação ao objeto de desejo materno, mas também direcioná-la para o território paterno, do qual a mãe consiga se mostrar dependente.

Dor (1991) também demonstra a necessidade de o bebê se tornar o falo para a mãe. Pois, segundo este autor “o filho se constitui como único objeto que pode satisfazer o desejo da mãe” e está “identificado ao seu falo” (DOR, 1991, p. 47). Nesse sentido, enquanto o filho permanece identificado ao falo da mãe, o pai real fica impedido de exercer sua função simbólica, mas logo se tornará um intruso na relação, o que levará o filho a repensar sua “identificação imaginária com o objeto do desejo da mãe” (DOR, 1991, p. 47). Essa identificação com o objeto de desejo da mãe instituirá o pai imaginário, característica básica para que a criança se depare com a castração através da autoridade paterna.

Esse fenômeno, no qual o pai aparece para a criança como sujeito de direito em relação ao desejo da mãe, permite a instalação de uma “rivalidade fálica diante da mãe” (DOR, 1991, p. 48). A presença do pai como intruso é dada pela incerteza da identificação fálica da criança. Ela, a criança, sentindo seus desejos arcaicos ameaçados irá também perceber algo que sempre esteve presente: “a incidência do desejo da mãe em relação ao desejo do pai” (DOR, 1991, p. 48). Tal fenômeno proporcionará à criança se antecipar à presença do Pai real de modo imaginário. E é nesse cenário que a criança irá pressentir esse sujeito que é mediador das formas de investimento na relação com a mãe: privação, interdição e frustração.

Esses eventos fazem com que ela, a criança, encontre a Lei do pai. Ela descobre que a mãe é refém do desejo do pai, segundo Dor (1991). Tais fenômenos nos induzem a pensar que a função paterna pode ser considerada como responsável pelo choque de desejos e também como mediadora do desejo da mãe. Tanto é que Dor (1991) assinala que a mãe também reconhece a lei como aquela que “mediatiza seu próprio desejo”. (DOR, 1991, p. 49). O pai passa a ser aquele que, supostamente, tem ou não o objeto de desejo. Esse deslocamento de objeto promove a instauração do pai simbólico, colocando-o como aquele que possui o falo, posição ideal para o exercício da função paterna. A problemática edipiana é o modo como o sujeito se posiciona frente ao pai. Na estrutura, a falta está na origem.

Como apontou Haag (2007), os adultos querem ficar e permanecer jovens. Na contramão do percurso, os adultos é que estão buscando o mundo jovem. Haag (2007) afirma que o lugar do adulto em nossa sociedade está vago. Voltamos a uma idolatria narcísica, na qual, agora, os adultos projetam nos adolescentes tudo aquilo que eles não puderam fazer e ser. Desse modo, os jovens percebem que devem criar as próprias regras, sobretudo as que estão em sintonia com um mundo individualista. Nesse sentido, o desobedecer aparece a eles como um norte a ser seguido, principalmente por estar em desacordo com o mundo adulto. Então, ninguém quer ocupar um lugar que os incomode, como o lugar da lei, do pai. O reflexo disso é que estes jovens são frutos de uma sociedade, cujos valores a serem seguidos passaram a ser os deles mesmos. Só que esses valores foram forjados sem que houvesse um parâmetro para limites. E os adultos, quando imitam os ideais dos jovens, deixam esses sujeitos sem referências para refletirem sobre o futuro, segundo Haag (2007). Se os adultos os mostram um mundo no qual eles mesmos não querem viver, como os jovens irão querer ao menos visitar este mundo? Não há nada e nem ninguém para tentar convencê-los a experimentar esse mundo adulto. O mundo é deles, dos jovens. A moda oportunista alimenta essa ilusão. Os jovens, pelas manifestações violentas e sem limites, passam a ser inspiração para os investidores de plantão. O espírito consumista que domina o mercado contribui para uma cultura jovem extremamente hedonista. Os adultos na ânsia em “criar” seus filhos para a selva de pedra atiram no próprio pé, observa Haag (2007). O ensaísta alerta que os jovens utilizam a desobediência à lei, como forma de pedido de socorro, como única forma de chamar a atenção de quem gostariam que ocupasse o lugar da lei. Eles querem ser reconhecidos como pares dos adultos e não como ídolos. Os jovens parecem ter campo e visão mais amplos do que o dos adultos, já que estes os cultuam e estão desejando ver o mundo pelo olhar do jovem. Eles percebem que as decisões dos adultos, com relação às manifestações em desacordo com as leis, abrem brechas para possibilidades de não punição. Os jovens estão perdidos numa fenda entre seu mundo e o mundo do adulto, querendo talvez que alguém os mostre outro caminho. Mas os adultos é que estão “migrando” para o mundo jovem e não querem voltar. Esses jovens já são frutos de uma sociedade marcada pelo declínio da função paterna. Dessa forma, continuaremos com a discussão, nesse mundo eternamente jovem, acerca da questão do exercício da função paterna num sentido freudiano e lacaniano.

Para Freud (1912/13/1996), o pai era o sujeito de castração, já o surgimento do sujeito de desejo seria a identificação a esse pai. Este detinha todos os poderes sob os objetos de gozo. A única forma de acessar esses objetos seria pela via da transgressão. Lacan (1995) inclui a linguagem para explicitar que o pai é simbolizado. O pai é uma metáfora, é mediador para promover a substituição de um significante por outro. Segundo o psicanalista francês, o Nome-do-Pai força o indivíduo a buscar nova representação para sua satisfação. Portanto, tem de renunciar ao objeto mãe para adquirir outros meios de acesso. O autor coloca a função paterna como estruturante do sujeito. No entanto, o pai deveria passar pelo mesmo fenômeno para assumir sua função, isto é, casar-se com uma mulher e fazê-la mãe de seus filhos. No meio desse percurso, temos a cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dinâmicas de produção, pelas quais passaram as sociedades, promoveram significativas alterações culturais e familiares, não mais assegurando a função do pai como representante da cultura. Nesse sentido, a função do pai foi perdida para novas personalidades que retiraram seu poder, mas não assumiram seu lugar. Estas personalidades, ou mesmo instituições, agora não têm como “devolver” a autoridade ao pai. Este, como vimos anteriormente, não quer ser adulto, quer ser eternamente jovem e evita a todo custo ser, como assevera Haag (2007), a “pedra no meio do caminho”. Então, como assumir uma função que talvez nem se submetesse a ela? Afinal, esse sujeito faz parte da geração moderna, na qual o poder do pai já está sem sentido.

A linguagem é utilizada por professores para que ocorra o processo de comunicação. Mrech (2005) enfatiza que “o tempo todo” a linguagem é “atravessada” pelo “mal-entendido, pelo equívoco, por aquilo que não faz sentido”. Na discussão em tela percebemos que o ato falho, a derrapada, o chiste, promovem equívocos nos momentos de utilização da linguagem, justamente em razão das manifestações inconscientes. Assim sendo, para a psicanálise a educação é considerada uma das profissões do impossível segundo Mrech (2005). Esta dependerá da vontade do educador, que não será da maneira que ele, o educador quer, pois há sempre algo do inconsciente se manifestando, o que impossibilita o estabelecimento do controle do docente. A comunicação contém o tempo todo um lapso, um engano, algo que não faz sentido, como nos ensina Mrech (2005). O exercício da docência prima pela localização de respostas. A psicanálise busca indagações. Assemelha-se a um exercício filosófico, no sentido

clássico, jamais fechar questões. Enquanto que o exercício da docência vai em direção, ou pretende ir para a compreensão metodológica de fenômenos.

Assim sendo, Mrech (2005) questiona o que seria educar na atualidade? Nada fácil responder, pois a psicanalista problematiza o exercício da docência, do educador, do processo. A professora assevera que “as pessoas não percebem muito bem o que querem fazer quando educam”. Ela, a autora chama a atenção comparando o professor (a) como ocupante do lugar do pai, do “grande transmissor e de agente de poder” (MRECH, 2005, p. 28). Com a quantidade e a velocidade das informações na atualidade há dissimulação desse poder. Os estudantes têm como acessá-las em fragmentos e em diversos lugares, assevera Mrech (2005), mas sem considerar esse acesso como processo de saber. A pensadora reforça a ideia de que a psicanálise contribui sobremaneira para que reflitamos sobre o momento em que o saber ocorre. Para que o exercício da docência realmente promova o fenômeno do saber, deve-se “por um pouco de si”, o educador deve “digerir” as informações “transformando-as em um conteúdo próprio” (MRECH, 2005, P. 28). O saber na atualidade se transformou em mercadoria. E a autora nos alerta para essa transformação do saber em produto comercial. Sobre os efeitos do mercado do saber nas instituições e no exercício da docência. Assim, o impacto é nos alunos, pois eles não se interessam pelo saber mais “formalizado que exige um trabalho de por si”. Interessam-se apenas por “fragmentos de saber, algo que não exige nenhum tipo de trabalho prévio” (MRECH, 2005, p. 28-29). A sugestão de Mrech (2005) é que possamos utilizar o último ensino de Lacan para alcançar os sujeitos alunos. Para que o saber prevaleça e não o simples gozar.

Referências

CORREA, Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes. **A semântica de Frege e a dinâmica da verdade na psicanálise**. Revista Estudos Lacanianos. Vol. 2 n. 3 Belo Horizonte – MG. 2009.

DOR, Joel. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar. 1991.

FLEIG, Mario. **A descoberta do mal-estar do sujeito na civilização**. Instituto Humanitas Unisinos. Entrevista On-Line. 8 de maio de 2006. <http://freudlacan.com.br/a-descoberta-do-mal-estar-do-sujeito-na-civilizacao/>. Acesso em maio/2016.

FREUD, Sigmund. **Duas histórias clínicas: “O Pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. X. Imago. Rio de Janeiro – RJ. 1909/1996.

_____, Sigmund. **Totem e Tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Imago. Rio de Janeiro – RJ. 1912/13/1996.

_____, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do ego**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Imago. Rio de Janeiro – RJ. 1921/1996.

_____, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Imago. Rio de Janeiro – RJ. 1924/1996.

_____, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XXXIII. Imago. Rio de Janeiro – RJ. 1939/1996.

HAAG, Carlos. **A pedra no meio do caminho**. Revista Pesquisa FAPESP. Edição 133. 2007.

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 17 – o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar. 1969/1970/1992.

_____, Jacques. **Seminário 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

_____, Jacques. **Seminário livro 5: As formações do inconsciente**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1986.

_____, Jacques. **O Seminário livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1995

_____, Jacques. **Escritos**. Zahar Editor. 1998.

_____, Jacques. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 2005.

LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. 4ª edição. São Paulo – SP: Martins Fontes. 2001.

MARTINS, Francisco. **Footanálise. Por que o futebol nos é tão vital? Futebol e psicanálise – em contínua referência às Copas do mundo**. Brasília: Universa. 2010.

MERCH, Leny Magalhães. **O Impacto da Psicanálise na Educação**. Ed. Avercamp, 2005.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. **Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico**. São Paulo: Editora Escuta. 2008.